

Mrs. Dalloway disse que ela própria ia comprar as flores.

O serviço de Lucy estava já determinado. As portas seriam retiradas dos gonzos; o pessoal da Rumpelmayer¹ vinha a caminho. E que manhã, pensou Clarissa Dalloway — tão fresca, como se feita para as crianças brincarem na praia.

Que prazer! Que mergulho! Era esta a sensação que tinha sempre, em Bourton, quando, com um leve ranger de dobradiças, igual ao que agora ouvia, escancarava as janelas e mergulhava no ar puro. Era tão fresco e calmo, nessa altura, o ar da manhã, tão silencioso, muito mais do que aqui; era como o bater de uma onda, o beijo de uma onda; frio, cortante e contudo (para a rapariga de dezoito anos que ela era então) solene, sentindo, como sentia, de frente para a janela aberta, que algo de espantoso estava para acontecer; olhando para as flores, para as árvores de onde a névoa se desprendia, para as gralhas subindo e descendo, até que Peter Walsh lhe disse «A meditar entre os vegetais?» — seria isso? — «Eu cá prefiro os homens às couves-flores» — seria isso? Devia tê-lo dito numa manhã ao pequeno-almoço, quando ela saiu para o terraço — Peter Walsh. Voltaria da Índia brevemente, em junho ou julho, já não se lembrava ao certo; as suas cartas eram tão aborrecidas; lembrava-se, porém, de coisas que ele dissera, lembrava-se dos seus olhos, do seu canivete, do seu sorriso, da sua rabugice e também, quando milhões de outras coisas se haviam já desvanecido — era tão estranho isto! — de certos ditos, como esse acerca das couves.

Deteve-se por um instante na berma do passeio para deixar passar a furgoneta de Durtal. Uma mulher encantadora, pensou Scrope Purvis, ao passar por Clarissa (e conhecia-a como se conhece alguém que vive ao pé de nós, em Westminster); havia nela algo de pássaro, de gaio, verde-azul, ligeiro, vivaz, embora passasse já dos cinquenta e tivesse,

desde a doença, empalidecido muito. Ali estava ela, como que empoleirada, muito direita, sem o ver, à espera para atravessar.

Quando se vive em Westminster — há quantos anos? mais de vinte —, uma pessoa sente, mesmo no meio do trânsito, ou quando acorda de noite, pensava Clarissa, um silêncio especial, uma solenidade, uma pausa indescritível, uma suspensão (mas isso podia dever-se ao coração, afetado, diziam eles, pela gripe) antes de tocar o Big Ben. Aí estava ele! Retumbava já. Primeiro um aviso, musical; depois a hora, irrevogável. Os círculos de chumbo dissolviam-se no ar. Somos tão tolos, pensou Clarissa, ao atravessar Victoria Street. Só Deus sabe porque amamos tanto isto, porque assim o concebemos, o embelezamos, o erguemos à nossa volta, o derrubamos, criando-o de novo a cada instante; mas até as mendigas, as piores desgraçadas que se veem por esses portais (bebendo a sua ruína), sentem o mesmo. Era inútil, pensava Clarissa, tentar salvá-las com decretos parlamentares, e isto pelo seguinte: é que elas amavam a vida. Nos olhos das pessoas, no bulício, na pressa ou lentidão dos transeuntes; na algazarra e no fragor; carruagens, automóveis, autocarros, camiões, homens-sanduíche aos tropeções ou de passo arrastado; realejos e fanfarras; no triunfo, no tinido ou na estranha melodia de um aeroplano lá no alto estava aquilo que ela amava: Londres, a vida, este momento de junho.

Pois estava-se a meio de junho. A guerra havia terminado, exceto para pessoas como Mrs. Foxcroft que, na noite anterior, na embaixada, se deixara invadir pela tristeza pois morrera aquele belo rapaz e a velha Manor House ia agora ficar para um primo; ou Lady Bexborough, que inaugurou uma quermesse, diz-se, tendo na mão um telegrama com a notícia da morte de John, o seu preferido. Mas tinha terminado, graças a Deus — terminado. Estava-se em junho. O rei e a rainha encontravam-se no palácio. E por todo o lado, apesar de ser ainda cedo, se notava um alvoroço de pôneis a galope, um soar de tacos de críquete, Lords, Ascot, Ranelagh² e o mais; tudo envolto na leve malha de uma atmosfera cinzenta-azulada que, à medida que as horas passavam, se ia dissipando, trazendo de volta às clareiras e relvados os enérgicos pôneis, cujas patas dianteiras saltitavam no solo, o torvelinho dos rapazes, as moças que riam nas suas leves musselinas e que, mesmo tendo dançado toda a noite, não deixavam de ir passear os seus ridículos cãezinhos de pelo comprido. Viam-se discretas viúvas preparando-se para sair, nos seus automóveis, em direção a obscuros afazeres; lojistas atarefavam-se expondo nas vitrinas diamantes e pedras falsas, ou magníficos broches verde-mar engastados à maneira do século XVIII, para tentar americanos,

e também a ela própria (mas era preciso poupar, nada de fazer compras irrefletidas para a Elizabeth), que amava aquelas coisas com fiel e absurda paixão, fazendo, como fazia, parte de tudo aquilo, pois a sua família frequentara a Corte no tempo dos Jorges³, e também ela nessa noite iria deslumbrar, iluminar, dar a sua festa. Mas quão estranho era, ao entrar no Parque, o silêncio, a névoa, o zumbido, os patos nadando lentamente, satisfeitos, as papudas aves que se bamboleavam. E quem havia de aparecer então, de costas para os edifícios do Governo e trazendo debaixo do braço, muito a propósito, uma pasta com o brasão real, senão Hugh Whitbread, o seu velho amigo Hugh — o admirável Hugh!

«Bom dia, Clarissa!», disse Hugh, com uma vivacidade que soaria excêntrica, se não fosse o facto de eles se conhecerem desde crianças. «Aonde vais?»

«Gosto de passear em Londres», disse Mrs. Dalloway. «Mais até do que passear no campo.»

Os Whitbreads tinham acabado de chegar para, infelizmente, consultar os médicos. Outras pessoas vinham à cidade para ver quadros, para ir à ópera ou passear as filhas; eles vinham «aos médicos». Não tinham conta as vezes que Clarissa visitara Evelyn Whitbread em hospitais. Estava outra vez doente, ela? Evelyn tinha sempre os seus problemas, respondeu Hugh, dando a entender, com um enfadado movimento que punha em destaque o seu corpo, um corpo bem vestido, varonil, bastante bonito, perfeitamente cuidado (andava sempre demasiado elegante, ou quase, mas talvez tivesse de ser assim, devido ao cargo que ocupava na Corte), que a sua mulher sofria de qualquer mal interno, nada de grave, algo que Clarissa, como velha amiga, compreenderia sem ser preciso ele entrar em pormenores. Sim, claro que compreendia, que aborrecimento, sentindo, a par de uma certa compaixão, um estranho desconforto causado pelo chapéu que trazia nesse momento. Talvez não fosse o chapéu certo para aquela hora da manhã, seria isso? Hugh fazia-a sempre sentir-se assim desconfortável quando dava largas à sua expansão, tirando o chapéu de forma um tanto extravagante e garantindo-lhe que ela continuava uma verdadeira menina de dezoito anos; sim, claro que iria à festa logo à noite, a Evelyn fazia, aliás, muita questão de comparecer, mas talvez tivesse de chegar um pouco mais tarde por causa da receção no Palácio, onde tinha de acompanhar um dos filhos de Jim — Clarissa sempre se sentira um tanto desajeitada ao pé de Hugh, como uma colegial, mas gostava dele, e não só por conhecê-lo desde sempre, mas também por achar que, à sua maneira,

era boa pessoa, apesar de Richard não o suportar e, quanto a Peter Walsh, esse ainda hoje não lhe perdoava por ela gostar dele.

Era capaz de recordar cenas inteiras dos tempos de Bourton — Peter furioso; Hugh, é claro, não se lhe comparava, mas também não era um completo imbecil, como Peter dizia, nem um mero «cabeça dura». Quando a velha mãe lhe pedia para não ir caçar ou para a levar às termas de Bath, ele obedecia-lhe, sem protestar; não era de facto uma pessoa egoísta, e quanto a dizer, como Peter costumava, que ele não tinha miolos nem coração, mas apenas as maneiras e a educação de um cavalheiro inglês, isso, bem, eram coisas daquele querido Peter, nos seus dias maus; Hugh tornava-se por vezes impossível de aturar, intolerável, mas, numa manhã como aquela, era agradável passear ao pé dele.

(Junho fizera rebentar todas as folhas das árvores. As mães de Pimlico davam de mamar aos filhos. Mensagens transitavam entre a Armada e o Almirantado. Arlington Street e Piccadilly pareciam aquecer o ar do Parque, erguendo luminosa, ardentemente, as suas folhas nesse impulso de divino vitalismo que Clarissa tanto adorava. Dançar, andar a cavalo, tudo isso ela tinha adorado.)

Podiam estar separados centenas de anos, ela e Peter; Clarissa nunca respondia às cartas dele, que eram secas como galhos; no entanto, ocorria-lhe, por vezes, que diria ele se estivesse aqui comigo agora? — certos dias, certos lugares traziam-lho de volta, serenamente, sem a antiga amargura; e isso talvez fosse a recompensa por termos amado as pessoas; regressavam numa bela manhã, no meio de St. James Park — regressavam sempre. Mas Peter — por muito bonito que o dia estivesse, e as árvores, a relva, aquela menina vestida de cor-de-rosa — nunca dava fé de coisas como estas. Punha os óculos, se ela lho pedisse, e olhava. As únicas coisas que o interessavam eram o estado do mundo, Wagner, a poesia de Pope, o eterno carácter das pessoas e os defeitos de Clarissa. Como ele a reprendia! O que eles discutiam! Que ela havia de casar com um primeiro-ministro e mostrar-se do alto de uma escadaria, dissera-lhe ele certa vez; que era a perfeita anfitriã (e por causa disso tinha ela ido chorar para o seu quarto), Clarissa possuía as qualidades da perfeita anfitriã, dissera ele.

E assim se via ela a discutir ainda com Peter em St. James Park, tentando demonstrar-lhe que tinha razão — e tivera — ao não querer casar com ele. Porque no casamento deve haver alguma liberdade, alguma independência entre duas pessoas que vivem juntas dia e noite na mesma casa — o que Richard lhe concedia, e ela a ele. (Onde estaria esta manhã, por exemplo? Talvez numa reunião, ela nunca lhe perguntava nada.) Mas com Peter tinha tudo de ser partilhado, tudo esclarecido. O que era insu-

portável, e quando se deu aquela cena no jardim junto ao fontanário, ela teve de romper com ele ou seriam ambos destruídos, ter-se-iam desgraçado, disso estava certa, embora tivesse trazido durante anos aquela dor, aquela angústia, cravada no coração como uma flecha; e, mais tarde, esse horrroso momento quando alguém, num concerto, lhe contou que ele casara com uma mulher que tinha conhecido no barco, a caminho da Índia! Jamais esqueceria tudo isso. Fria, insensível, puritana, chamara-lhe ele. Jamais compreenderia o quanto ele a amava. Mas essas mulheres indianas certamente compreendiam — tolas, bonitas, umas patetas fúteis. Mas Clarissa estava a desperdiçar a sua piedade. Pois ele era, segundo dizia, bastante feliz, perfeitamente feliz, apesar de nunca ter feito nada de notável; toda a sua vida tinha sido um falhanço. E isso ainda hoje a irritava.

Tinha chegado aos portões do Parque. Parou por um instante, a olhar os autocarros de Piccadilly.

Nunca mais diria de ninguém no mundo, agora, que esse alguém era isto ou aquilo. Sentia-se muito jovem e, ao mesmo tempo, indizivelmente velha. Passava como uma faca através de todas as coisas e, ao mesmo tempo, ficava de fora, a observar. Tinha a permanente sensação, quando olhava para os táxis, de estar de fora, de estar longe, sozinha, no mar; sempre havia tido a sensação de que era muito perigoso viver um só dia que fosse. Não que se julgasse inteligente, ou muito diferente dos demais. Nem conseguia aliás perceber como pudera sobreviver com os magros conhecimentos que *Fräulein Daniels* lhe transmitira. Não sabia nada; nem línguas, nem história; raramente lia agora um livro, a não ser memórias, antes de adormecer. E, no entanto, era tão absorvente, para ela, tudo isto; os táxis que passavam. Mas jamais diria a respeito de Peter, jamais diria de si própria, eu sou isto ou sou aquilo.

O seu único dom era conhecer as pessoas quase por instinto, pensava ela, prosseguindo o seu caminho. Se a deixavam numa sala com alguém, ela eriçava-se como um gato; ou rosnava. Devonshire House, Bath House⁴, a casa da cacatua chinesa, tinha visto iluminados todos estes lugares; e lembrava-se de Sylvia, de Fred, de Sally Seton — de toda essa gente; e de dançar toda a noite; e das carroças a caminho do mercado; e do regresso a casa pelo Parque. Lembrava-se de ter certa vez atirado um xelim para a Serpentine⁵. Mas recordações todos temos; o que ela amava era isto, aqui, agora, à sua frente; a mulher gorda dentro do carro. Que importava então, perguntou a si mesma, dirigindo-se para Bond Street, que importava se também ela teria um dia de desaparecer? Tudo isto continuaria sem ela; lamentaria o facto? Ou seria antes um consolo